

Totem e tabu e a origem da linguagem infantil

Renata Udler Cromberg

Renata Udler Cromberg é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, onde é articuladora do “Grupo Winnicott – estudos e pesquisa”, e membro do grupo de estudos “Comunidade de destinos – Ferenczi e Freud”. É doutora pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, com pós-doutorado pelo mesmo instituto. Professora convidada do Curso de Teoria Psicanalítica do COGAE/PUC-SP. É graduada em Psicologia e Filosofia pela Universidade de São Paulo. Membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi e da Associação Internacional de Estudos sobre Spielrein. Autora dos livros *Paranoia, cena incestuosa – abuso e violência sexual* (Artesã) e *Sabina Spielrein, uma pioneira da psicanálise, obras completas*, v. 1, 2 e 3 (Blucher).

Artigo escrito a partir de minhas pesquisas sobre a vida e a obra de Sabina Spielrein publicadas nos livros *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise, obras completas*, v. 1, 2 e 3.

Resumo Apoiada nos trabalhos de Freud “Totem e tabu” (1913) e “Formulações sobre os dois princípios do acontecimento psíquico” (1912), Sabina Spielrein foi pioneira ao refletir sobre a linguagem infantil e seus elos com o pensamento em seu ensaio “A origem das palavras infantis ‘papai’ e ‘mamãe’ – algumas observações dos diferentes estágios do desenvolvimento da linguagem” de 1922.

Palavras-chave linguagem; magia; animismo; desejo; Sabina Spielrein; Totem e tabu.

DOI: 10.70048/percurso.75.75-86

1 S. Spielrein, “A origem das palavras infantis ‘papai’ e ‘mamãe’ – algumas observações dos diferentes estágios do desenvolvimento da linguagem”, in R.U. Cromberg (org.), *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise, obras completas* (v. 2).

Nós, humanos, falamos. E falamos em inúmeras línguas, dialetos e sotaques. Sabina Spielrein¹ foi pioneira ao refletir sobre a origem da linguagem infantil em seu ensaio “A origem das palavras infantis ‘papai’ e ‘mamãe’ – algumas observações dos diferentes estágios do desenvolvimento da linguagem” de 1922. Ela foi também a primeira psicanalista a se interessar intensamente pela linguagem e seus elos com o pensamento seguindo observações freudianas. Assim, ela esteve no inconsciente literário e criativo e influenciou as futuras produções de outros dois pensadores pioneiros sobre a origem da linguagem e do pensamento infantil: Jean Piaget e Lev Vigotsky. Com Piaget, entre 1921 e 1923, apesar de seguirem caminhos diferentes, houve um percurso de trocas e reciprocidades, um projeto compartilhado não realizado de elaborar uma teoria dos símbolos, amizade e simpatias mútuas, paralelismos e semelhanças teóricas, mas também diversidades experimentais e conceituais. Piaget cita Spielrein em 1923 e 1926, em suas primeiras obras. Vigotsky formulou sua própria reflexão sobre a linguagem e o pensamento infantil, crítico às formulações piagetianas após ter sido aluno de Spielrein em Moscou, onde ela apresentou seus pensamentos e reflexões sobre a linguagem e o pensamento infantil, bem como os de Piaget. Ela não é citada em sua obra.

Quando começou a Primeira Guerra Mundial, em 1914, Sabina Spielrein foi para Zurique encontrar-se com o marido Pavel, que logo foi convocado a voltar para a Rússia para trabalhar como médico no front e depois atrás do front. Aos 29 anos, com sua filha de cerca de um ano e meio, mudou-se para Lausanne. Ali ficaram por cinco anos, o maior tempo em uma cidade desde que saiu de



*durante os cinco anos
em Lausanne, Sabina Spielrein
observava e anotava
o desenvolvimento
e a maneira como se
davam as aquisições
de linguagem da filha*

Rostov. Sabina retirou-se da prática psicanalítica por cinco anos, para ressurgir como analista e pesquisadora do psiquismo infantil em 1920. Em Lausanne, dedicou-se a estudar contraponto e composição, interpretando suas próprias *lieders*, canções populares, ao piano. Ela e a filha cantavam muito conjuntamente, e Renatinha desenvolveu-se precocemente em música, compondo pequenas melodias com e sem palavras. Durante os cinco anos em Lausanne, Sabina Spielrein observava e anotava o desenvolvimento e a maneira como se davam as aquisições de linguagem da filha. Isso colaborou para que Spielrein pensasse o papel das linguagens não verbais – o ritmo, a melodia como precursores da linguagem verbal e sempre presentes – precursoras junto das também precursoras linguagem visual, tátil e gestual, além do papel importante da arte e da música para as pessoas e os povos.

De posse de sua própria concepção sobre a constituição do psiquismo, sua própria metapsicologia, como aparece em uma carta a Jung, na correspondência trocada entre eles de 1917 a 1919, pôde recuperar sua própria voz e ser útil como desejava para a causa psicanalítica em um campo do qual seria uma das pioneiras: a psicanálise infantil, indo para o VI Congresso de Haia, em 1920, sua primeira participação em um congresso, assumindo-se novamente como psicanalista, por seu desejo próprio. Nele apresenta uma palestra pioneira, “Sobre a questão do surgimento e o desenvolvimento da linguagem oral”. As ideias que

apresentou eram também a continuação de seu interesse e elaboração da questão sobre a formação de símbolos e sobre a relação da palavra com a vida pulsional, iniciada em seus dois primeiros trabalhos “Sobre o conteúdo de um caso de esquizofrenia”, de 1911, e “A destruição como origem do devir”, de 1912. De cabelos curtos e ondulados e roupas modernas, expõe uma abordagem teórica sobre o surgimento da linguagem na criança até então inédita seja no campo da psicanálise, seja no campo da psicologia ou da educação infantil, ou ainda da linguística nascente. Assim, ela confirmava algo que Freud lhe escrevera em seu período em Lausanne: “Eu gostaria de acreditar que a senhora está apenas aparentemente improdutiva e que ocorrem mudanças em seu interior que correspondem ao novo estado de coisas”². O resumo dessa palestra apresenta um esboço visionário de uma teoria da construção da linguagem, do significado do aleitamento e do ato de sugar no desenvolvimento da criança, além de diferenciar as linguagens que não têm por objetivo a comunicação com outras pessoas, autista e mágica, daquelas que visam à comunicação, às linguagens sociais. Além disso, ela postula pela primeira vez o surgimento da linguagem infantil a partir da relação entre a mãe e o bebê. O resumo expressa uma posição de que a linguagem infantil e suas transformações nascem não apenas de um desenvolvimento psicológico, mas da falta ligada ao inconsciente, falta ligada à percepção do objeto de desejo que proporciona prazer derivado do ato de mamar e que é percebido no exterior de si na passagem do autoerotismo ao heteroerotismo, erotismo voltado para o outro, incipiente.

Ao final do congresso, comunicou à Comissão Central a sua mudança para Genebra, para trabalhar a convite de Bouvet e Claparède, no Instituto de Psicologia Experimental e de Investigação do Desenvolvimento Infantil Jean Jacques Rousseau, ministrando cursos sobre psicanálise e participando das experiências e dos experimentos com as crianças do instituto e de sua escola inovadora, La Maison des Petits. A decisão de Sabina Spielrein de ir para Genebra em 1920 ao invés de voltar

para a Rússia ou morar novamente em Zurique deve-se a uma intuição de que um momento histórico único estava acontecendo nesta cidade francófona. Ela queria estar presente no local onde acontecia a maior revolução na instituição de uma plataforma educacional internacionalista e pacifista após a Primeira Grande Guerra. Essa era a realização de seu desejo de estar em contato com pessoas, livros e experiências que lhe permitissem pesquisar, refletir e trabalhar de acordo com os seus ideais científicos. Lá, encontraria o terreno teórico, conceitual e de prática interdisciplinar no desenvolvimento da linguagem e pensamento nas crianças para continuar a realizar o seu projeto investigativo psicanalítico teórico sobre a formação de símbolos por meio das reflexões sobre a origem da linguagem. Entre 1919 e 1923, o Instituto Jean Jacques Rousseau, fundado em 1912, foi o maior centro pedagógico do mundo, que transformou Genebra em uma plataforma do internacionalismo educativo, que levaria à criação, a partir de 1925, do Bureau Internacional da Educação, que influenciou a educação em todo o século xx. O interesse dos genebrinos fundadores do Instituto pelas novas teorias era grande, e a psicanálise ocupava boa parte dele. Quando Sabina chegou a Genebra, já havia uma sociedade psicanalítica local sob a direção de Claparède.

Em 1921, Jean Piaget havia chegado ao Instituto para assumir o cargo de diretor de pesquisa, um jovem cientista que trabalhou com Spielrein tratando das mesmas questões sobre a alma infantil com as quais estava envolvida. Ao que parece, a mente rica, criativa, cheia de *insights* e profundamente sensitiva que Sabina Spielrein deixaria impressa em seu artigo “A origem das palavras infantis ‘papai’ e ‘mamãe’ – algumas observações dos diferentes estágios do desenvolvimento da linguagem” foi muito estimulada pelo trabalho no Instituto, que aumentou a sua familiaridade com um extenso número de autores e teorias sobre a formação da linguagem na criança, que ela cita, e estimulou sua postura de valorização da

»»

as perguntas de Sabina Spielrein sobre a origem da linguagem são as perguntas de seu tempo, tempo de criação da linguística moderna a partir da edição do Curso de Linguística Geral, ministrado por Ferdinand de Saussure em Genebra entre 1907 e 1910

observação espontânea das crianças como método de demonstração de suas ideias. Esse trabalho e a convivência em um ambiente inovador e livre no incentivo da pesquisa a estimularam a defender o ponto de vista psíquico e emocional na gênese dos processos de linguagem e pensamento a partir da psicanálise.

As perguntas de Sabina Spielrein sobre a origem da linguagem são as perguntas de seu tempo, tempo de criação da linguística moderna a partir da edição do *Curso de Linguística Geral*, ministrado por Ferdinand de Saussure em Genebra entre 1907 e 1910. Morto em 1913, Saussure teve seu curso editado e publicado pelos discípulos Charles Bally e Albert Sechehay, a partir da reunião de anotações deles e de outro aluno, em 1916. É certo que a palestra apresentada no congresso de Haia em 1920, quando Sabina saiu de seu isolamento em Lausanne no período da guerra, já traz ecos transdisciplinares em consonância com a linguística nascente, o que se reforça nos seus três trabalhos posteriores e na menção explícita de linguistas, sobretudo Bally, com quem teve troca intelectual em presença para a realização de seu ensaio sobre a origem da noção de tempo na criança.

Totem e tabu e a origem da linguagem infantil

Seu trabalho sobre a linguagem infantil “A origem das palavras infantis ‘papai’ e ‘mamãe’ – algumas

2 Carta de Freud a Spielrein de 20 de abril de 1915, in R.U. Cromberg (org.). *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise, obras completas* (v. 3).



*se o adulto essencialmente
tiver criado a linguagem, então
ele a criou, em seus primórdios,
a partir do estágio infantil
de sua psique. Será que
a própria criança também cria
sua linguagem ou simplesmente
a recebe dos adultos?*

observações dos diferentes estágios do desenvolvimento da linguagem” tem como apoio inicial o diálogo com o Freud de *Totem e tabu*³ e *Formulações sobre os princípios do acontecer psíquico*⁴.

Na primeira parte de seu ensaio ela apresenta os diversos tipos de linguagem. Quando os adultos falam em linguagem, diz ela, geralmente se referem ao conteúdo explícito e se esquecem do papel desempenhado, mesmo no texto escrito, pelos recursos da linguagem rítmica e melódica (pontos de exclamação e interrogação). Há ainda o acréscimo de outro fator, a mímica e o gestual, recursos expressivos classificados como linguagem visual (imagética), a qual desempenha um papel preponderante nos sonhos. Portanto os diversos tipos de linguagem são a linguagem verbal, a linguagem melódica, a linguagem visual (imagética) e linguagem tátil. As linguagens veiculadas de forma acústica, as linguagens verbais, diz ela, desempenham para o ser humano, como recurso de compreensão consciente, um papel claramente preponderante, por isso são chamadas de linguagens sociais. Com a linguagem verbal, o homem se tornou um ser social. “Mais adequadas para fins sociais, a linguagem verbal logo impeliu todas as outras para o segundo plano, rebaixando-as a linguagens auxiliares, subconscientes, transformadas então em linguagens artísticas”⁵. Mas geneticamente ela não é a primeira linguagem nem dos homens e nem dos animais. O choro, por exemplo, muito antes de surgirem os primeiros sinais de

linguagem verbal é um recurso comprovado para compreensão entre a criança e a pessoa que cuida.

Inicialmente o bebê exprime – com ou sem intenção – seu estado de desejo por meio de diversos ritmos, altura, tonalidade e intensidade de choro, ou seja, em uma linguagem primitiva e melódica. Ele compreende primeiro o tom e somente bem mais tarde a palavra [...] O momento melódico de nossa linguagem também é o que mais atinge os animais.⁶

Ela fala da popularidade da música e a diferença com a linguagem das artes plásticas.

Na segunda parte do texto ela passa a se ocupar da linguagem verbal, mais especificamente das palavras consideradas como as primeiras palavras infantis, “papai” e “mamãe”. Quem criou a linguagem verbal? Foi o homem adulto ou a criança? A criança é capaz de criação espontânea na linguagem ou ela simplesmente se apropria da linguagem verbal fornecida pelos adultos, deformando-a? Essa questão bastante polêmica até hoje, Spielrein diz, não foi solucionada. Ela convoca as experiências psicanalíticas para auxiliar no seu caminho de resposta, e assumirá de saída uma posição que liga o surgimento da linguagem ao inconsciente: a língua é criada essencialmente a partir do inconsciente (mais corretamente do subconsciente), e o inconsciente sempre nos remete, como Freud e seus discípulos demonstraram, a vivências infantis e mecanismos do pensamento.

Para ela, devemos manter sempre em mente que o antepassado está adormecido na criança, e que no antepassado está a criança. Se o adulto essencialmente tiver criado a linguagem, então ele a criou, em seus primórdios, a partir do estágio infantil de sua psique. Será que a própria criança também cria sua linguagem ou simplesmente a recebe dos adultos? Essa questão, para Spielrein, deveria ser formulada de outra forma: a criança é, segundo sua predisposição, um ser social que possui uma necessidade de comunicação? Se ela herdou a necessidade de comunicação e faz parte das populações falantes, então também herdou a necessidade da linguagem, necessidade essa que

faz com que a procure e crie. Ela se refere à “linguagem” no sentido usual, ou seja, linguagem como meio de comunicação, o que não era originalmente. Naturalmente os adultos acorrem em auxílio da pequena psique em sua luta, estimulando o desenvolvimento dos mecanismos linguísticos, já preparados por hereditariedade, por meio de seus discursos imitados pela criança. Para tanto, porém, a mãe e a ama adequam-se instintivamente à sua capacidade de criação linguística: elas procuram compreender a pequena psique e encontram o material para tanto já pronto nas profundezas da própria psique, em seu próprio estágio de desenvolvimento anterior, o que permite que falem com a criança devido a um impulso inconsciente.

Spielrein expõe as teorias sobre o surgimento da linguagem existentes na sua época. Ela diz que mesmo sendo muito corretas, como a teoria da preferência fisiológica, elas não esclarecem momentos relevantes: como se explica que em crianças de todos os povos podem ser encontradas denominações idênticas ou semelhantes para papai e mamãe? Como se explica que essas sejam consideradas as primeiras palavras? Como e por que um som produzido por uma criança adquire significado de uma palavra? A linguagem, segundo todas as teorias desenvolvidas até agora, diz ela, não conhece nenhum estágio a não ser aquele em que um som, tomado da natureza, mesmo que seja um reflexo ou repetido sem significado, é utilizado com a intenção de comunicar assim que se transforma em palavra.

É aqui que ela diz querer adicionar a essas teorias a visão dela da preferência psicológica. Ela antecipa sua inovação e aqui convoca o texto de Freud⁷ *Totem e tabu*. Pretende distinguir três es-

»
como se explica que em crianças de todos os povos podem ser encontradas denominações idênticas ou semelhantes para papai e mamãe? Como se explica que essas sejam consideradas as primeiras palavras? Como e por que um som produzido por uma criança adquire significado de uma palavra?

tágios no desenvolvimento da linguagem oral: primeiro o estágio autista, quando a linguagem é voltada para si mesma; em segundo lugar, o estágio mágico quando uma palavra recebe um super-significado que conjura a realidade; em terceiro, o estágio presente de uma linguagem social voltada para os outros.

Esses três estágios, diz a autora, correspondem à conhecida sequência do desenvolvimento do princípio de realidade apresentados por Freud. Segundo ele, ela conta, os estágios, autista e mágico, se fundem, são o mesmo estágio no qual o desejo supera a realidade, a fantasia está acima dos fatos reais, e a onipotência dos pensamentos é dominante. Ela cita então as observações freudianas sobre “animismo, magia e onipotência dos pensamentos”. Para Freud,

nós não podemos supor que os homens se lançaram à criação de seu primeiro sistema de mundo por pura curiosidade intelectual especulativa. Portanto não nos admiramos ao descobrirmos que outra coisa acompanha o sistema animista, a instrução sobre como se deve proceder para dominar os homens, animais e objetos, ou melhor, seus espíritos⁸.

O princípio da magia baseia-se na semelhança do ato realizado com o evento esperado. Frazer denomina “magia imitativa ou homeopática”. “Se quero que chova, preciso apenas fazer algo que pareça chuva, que lembre chuva”⁹. Numa nota de rodapé, ela prolonga essa explicação dizendo que o

3 S. Freud, *Totem e tabu*.

4 S. Freud, *Formulações sobre os princípios do acontecer psíquico*.

5 S. Spielrein. “Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia (Dementiae praecox)”, in R.U. Cromberg (org.), *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise, obras completas (v. 1)*, p. 268.

6 S. Spielrein, *op. cit.*, p. 269.

7 S. Freud, *Totem e tabu*.

8 S. Freud, *op. cit.*, p. 129.

9 S. Freud, *op. cit.*, p. 133.



a mãe ou a ama, a pessoa
que amamenta, não oferece só o leite
através do seio, mas o seio através do
leite que vai se constituir num objeto que
se opõe à boca da criança e dando-lhe,
aos poucos, a primeira noção de objeto
oposto a si e de um si separado do
objeto, de uma exterioridade

unguento de uma arma que gerou uma ferida pode curar essa ferida¹⁰. No caso dessa chamada magia contagiosa, não se trata de uma relação no espaço, de uma contiguidade, pelo menos da contiguidade imaginada. Mas como semelhança e contiguidade são os dois principais princípios dos processos de associação, o poder da associação de ideias se destaca como explicação para toda a loucura das prescrições mágicas¹¹. E ainda, citando *Totem e tabu*, “os motivos que levam à prática de magia são desejos. O homem primitivo provavelmente tinha uma grande confiança no poder de seus desejos. Desejar é para a criança, assim como para o homem primitivo, em sua ação mágica, o mesmo que experimentar”¹². Já em “Formulações sobre os dois princípios do acontecimento psíquico”, Freud diz:

Quanto à criança que se encontra sob condições análogas, mas ainda não tem habilidade motora, nós supusemos, em outro ponto, que ela inicialmente satisfaz seus desejos realmente de forma alucinatória ao criar a situação satisfatória por meio de excitações centrífugas de seus órgãos sensoriais.¹³

Ela volta para o ensaio *Totem e tabu*, para dizer que aquele que acredita na magia é como uma criança para a qual “as coisas recuam perante suas representações, aquilo que as últimas pretendem deve acontecer também às primeiras. As relações existentes entre as representações também são pressupostas entre as coisas”¹⁴. Numa nota de rodapé, ela continua citando o texto freudiano:

Para o adulto primitivo apresenta-se outro caminho. A seu desejo está atrelado um impulso motor, a vontade, e esta – a qual posteriormente vai mudar a Terra a fim de satisfazer o desejo – é agora utilizada para representar a satisfação de forma que a pessoa possa vivê-la também por meio de uma alucinação motora. Uma tal representação do desejo satisfeito é comparável ao jogo infantil, o qual substitui para a criança a pura técnica sensorial de satisfação.¹⁵

Ela diz que esse tipo de crença mágica é com frequência encontrada na esquizofrenia. Basta pensar em alguma coisa para que aconteça; este pensamento sempre é a expressão de um desejo ou um receio. E cita um exemplo da sua paciente do seu texto *princeps*¹⁶.

A linguagem surge com a ajuda do outro, do adulto. A mãe ou a ama, a pessoa que amamenta, não oferece só o leite através do seio, mas o seio através do leite que vai se constituir num objeto que se opõe à boca da criança e dando-lhe, aos poucos, a primeira noção de objeto oposto a si e de um si separado do objeto, de uma exterioridade. É a resistência por parte do corpo materno, a resistência que se opõe a qualquer movimento, que faz com que sintamos o movimento. Essa resistência está ao mesmo tempo carregada das sensações as mais agradáveis. Esse seio, primeiro objeto investido de desejo, proporciona à criança, além de prazer, a oportunidade do exercício de mamar, precursor do que ela chama de primeiros fonemas, o *mamama* e o *papapa*. O primeiro, quando a criança mama; o segundo, quando larga o peito. O balbucio revive a sensação da coisa, o ato de balbuciar lhe proporciona prazer devido a diversos motivos fisiológicos da respiração e tensionamento de alguns músculos. Quando a criança inicialmente produz “mã-mã”, sons que estão associados a determinados movimentos de sucção, ela experimenta também as sensações agradáveis do ato de mamar. Não precisamos supor nenhuma imagem clara na cabecinha infantil, não é preciso que seja a imagem da mãe ou do ato de mamar, podem ser sensações bastante obscuras de algo quente, macio (no contato com o corpo da mãe),

fluido, de saciedade etc. Naturalmente, a criança sempre vai querer ter essas sensações, assim ela instintivamente busca colocar sua pequena boca em uma certa posição que produz os sons acima mencionados. A ligação entre os sons “mã-mã” e as sensações correspondentes se torna, assim, cada vez mais profunda, ela se torna uma constante. A criança vai buscar gerar esses sons a fim de evocar um grupo de sensações conhecidas e já esperadas. Mas como determinados sons são vinculados a conteúdos bastante definidos, às sensações, e talvez já às representações, Spielrein afirma que já se pode falar em “palavras” que indicam ou significam esses conteúdos, ainda que em um estado autista, a palavra voltada para si mesma. Ele se diferencia do estágio mágico posterior na medida em que a magia pressupõe um mundo exterior que se pode influenciar, enquanto nesse primeiro estágio autista nós ainda não precisamos pressupor um mundo exterior separado da criança. O surgimento da palavra mã-mã, porém, já nos esclarece, nesse estágio, a origem da magia, a saber a crença na onipotência das palavras, especialmente do nome. Na magia, os nomes são como imagens, e o nome aparece no lugar da pessoa. Aqui ela se refere ao Freud de *Totem e tabu*, ao dizer que a equiparação do nome e pessoa, de palavra e ato ocorre porque, como na criança, a representação e o pensamento são supervalorizados em relação à realidade. Assim, todo o desejo é originalmente satisfeito alucinatoriamente, apenas posteriormente a criança tem que aprender que existe uma realidade que faz com que muitas coisas lhe sejam impossíveis, as quais precisam primeiro ser conquistadas.

10 S. Freud, *op. cit.*, p. 134-135.

11 S. Freud, *op. cit.*, p. 135.

12 S. Freud, *op. cit.*, p. 136.

13 Que ela cita do artigo publicado na revista *Jahrbuch für psychoanalytisch und psychopathologische Forschungen*, v. III, 1912, p. 2, mas que está presente citado por S. Freud, *op. cit.*, p. 137.

14 S. Freud, *op. cit.*, p. 137.

15 S. Freud, *op. cit.*, p. 137.

16 S. Spielrein, Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia. *Jahrbuch für psychoanalytisch und psychopathologische Forschungen*, v. III, 1911.

o outro que oferece o seio interpreta
o que a criança quer e dirige-se
a ela com uma forma de falar
específica, o que hoje conhecemos
com o nome de “manhês”, que Spielrein
enuncia muito bem como o adulto
evocando de sua própria
vida psíquica infantil

Aquilo que hoje em dia chamamos de “lalação” inicial da criança diz respeito principalmente ao desejo e o apelo à satisfação e à saciedade deste. E isso Spielrein tem como um universal, já que os fonemas emitidos a partir do mamar e deixar de mamar estão presentes em quase todas as línguas nas palavras que designam pai e mãe. Apesar de a criança já conseguir dizer os sons mais difíceis K, G, R, ela prefere substituí-los por sons labiais e/ou dentais. Ela prefere esses sons porque eles foram especialmente estimulados em seu desenvolvimento pelo ato de mamar.

O outro que oferece o seio interpreta o que a criança quer e dirige-se a ela com uma forma de falar específica, o que hoje conhecemos com o nome de “manhês”, que Spielrein enuncia muito bem como o adulto evocando de sua própria vida psíquica infantil, a partir de sua própria memória, da maneira como foi tratado pelo seu antepassado, o que lhe dá a entonação do “manhês” com que se dirige à criança. Esse é o primeiro sentido de sua constatação de que o antepassado mora na criança e a criança mora no antepassado. Portanto, a linguagem só se instala pela convocação do outro adulto por meio do apelo da criança. Spielrein marca o estado de desejo como impulsionador de formas linguageiras não verbais, ligadas ao choro. A língua nasce do inconsciente. Porque nasce do inconsciente das mães e amas que se adaptam à capacidade de criação linguística da criança, estimulando os mecanismos linguísticos herdados dos antepassados. A língua nasce,





para Piaget, quando a criança pergunta, ela não o faz para compreender os fatos reais, mas sim para responder a si mesma no sentido do que deseja. Com a pergunta “o que é isso?” a criança quer saber o nome das coisas, o qual substitui a coisa

portanto, entre a criança e o outro, entre a criança e a criança redespertada no adulto. A língua nasce da inter-relação entre o bebê e a mãe ou ama.

Mas antes mesmo dos fonemas “ma” e “pã”, a linguagem se apresenta em suas formas não verbais, como melodia, ritmo, intervalos de silêncio, mímica, gestos, linguagem visual. A linguagem verbal se instala na criança através do outro e posteriormente se torna predominante, mas traz em si sua origem não verbal. Se ela for apenas linguagem verbal, será descorticada, ou seja, cindida de sua fonte cinestésica nos movimentos corporais e das imagens desses movimentos e do prazer que estes dão à criança. Mas se a linguagem permanecer apenas nos seus primórdios como linguagem autoerótica destinada a si mesma, ela permanece autista, o estado inicial da linguagem. A partir da articulação da linguagem com a abertura ao outro, ao mundo, momento em que a linguagem se torna heteroerótica, na percepção desse outro e do mundo por meio do princípio do prazer e do desenvolvimento do princípio de realidade, ela pode conceituar os três tipos de linguagem: a linguagem autista, destinada a si mesma, a linguagem mágica, destinada ao outro, mas onírica, carregada de interpretação fantasística, onde o desejo supera a realidade, a fantasia está acima dos fatos reais e a onipotência do pensamento é dominante, na qual a palavra recebe um supersignificado que conjura a realidade. Em sua origem a palavra não significava uma ação, ela era a própria ação. Ao se falar ou pensar em uma

palavra, são evocadas as mesmas sensações indistintas que surgem durante o ato de mamar, como os movimentos da boca ao mamar, porque essa palavra, como resultado desses movimentos, tem um efeito idêntico ao ato de mamar. Quando, com o tempo, o conceito de um objeto, a mãe, se diferencia a partir do grupo de sensações indistintas durante o desenvolvimento psíquico posterior, a ligação originalmente existente entre a ação = palavra e o objeto diferenciado ma-mãe, mais tarde mãe, designado por esta palavra se mantém. Ao pronunciar o nome, foi realmente possível um dia evocar um determinado grupo de sensações que, mais tarde, será representado por uma pessoa. Na magia, o nome de uma pessoa representa esta própria pessoa e aquilo que acontece com o seu nome deve acontecer também com ela. Nesse segundo estágio, diz ela, lida-se ainda com uma sobrevalorização do desejo, do subjetivo, do psíquico em relação à realidade, com a crença na onipotência do pensamento, como apontou Freud. Para a criança, todo pensamento, todo desejo ou temor são inicialmente fatos. Ela evoca Piaget, que em suas aulas¹⁷ falou sobre as diversas atitudes da criança diante da realidade. Segundo ele, que ela diz corresponder às experiências psicanalíticas, a criança se desenvolve do absoluto para o relativo. A dúvida surge muito mais tarde. Para Piaget, quando a criança pergunta, ela não o faz para compreender os fatos reais, mas sim para responder a si mesma no sentido do que deseja. Com a pergunta “o que é isso?” a criança quer saber o nome das coisas, o qual substitui a coisa. Em relação a essa, a pergunta “onde?” significa um grande avanço, aqui se inicia o estágio ativo: a coisa não está sempre aqui, à disposição, é preciso se apropriar dela, saber encontrá-la. Nesse caso, a busca inicialmente é apenas aparente, pois a representação está acima da realidade. Embora ela não cite, podemos perceber que aqui as ideias de Piaget são muito próximas de Freud em *Totem e tabu*, em que ele coloca que

no estágio de pensamento animista ainda não há ocasião de demonstrar objetivamente o verdadeiro estado

de coisas, o que talvez ocorra em estágios posteriores quando todos esses procedimentos ainda são cultivados, mas o fenômeno psíquico da dúvida, como expressão de uma tendência ao recalçamento, já é possível¹⁸.

Somente quando a realidade ao lado da fantasia é reconhecida, quando as outras pessoas são enxergadas ao lado da própria pessoa e as palavras adquirem um significado não obrigatório, mas facultativo, surge aquilo que os adultos compreendem como linguagem. A criança aprende apenas lentamente a se diferenciar do mundo exterior a ponto de se observar a si mesma a partir do ponto de vista dos outros. Nunca se aprende completamente isso. Com a percepção da própria insuficiência e dependência do mundo exterior, surge cada vez mais premente a necessidade de obter auxílio do outro, de participar, de se sentir compreendido e, por fim, a necessidade de compreender o outro. Assim a linguagem chega ao terceiro estágio, o estágio da linguagem social, determinada para o outro, destinada à comunicação com o outro, de quem se percebe a dependência, e capaz de suportar adiamento e frustração, levando em conta o mundo por meio do princípio de realidade. Somente com o advento da linguagem verbal, o homem se torna um ser social. O pensamento de Spielrein permite recolocar algo sobre a origem do social: no início, era o verbo, diz a Bíblia, referindo-se ao verbo criador do mundo emitido por Deus. No início, era a ação, diz Freud ao substituir a palavra divina pelo assassinato do pai primevo como matriz de criação do social. Sabina Spielrein aponta que no início do verbo há uma ação específica: o mamar, origem do pensamento e da linguagem.

Ela apresenta a ideia de que a palavra *papai* manifesta de diversas formas sua origem no ato de mamar. Na linguagem das amas russas, por

¹⁷ Ela se refere ao curso a que assistiu ministrado por ele, *La pensée artistique*. Semestre de inverno 1921/1922 (Laboratório psicológico de Genebra).

¹⁸ S. Freud, *op. cit.*, p. 137.

¹⁹ Aqui ela se refere a sua fala no VI Congresso de Haia, de 1920, de que a Dra. Hermine Hug Helmuth lhe disse, ao ouvir seu relato ali, que ela tinha tirado esses fatos da ponta de sua língua.



a palavra mamãe
(na pronúncia infantil mã-mã-mã...)
reproduz o ato de mamar.
A palavra papai (= pã-pã)
se origina da fase em que a criança
saciada brinca com o seio,
largando-o e retomando de novo

exemplo, o pão é chamado “*papa*”. A crença cristã segundo a qual a pessoa come no pão o corpo de Jesus mostra que não se trata, por exemplo, de uma relação racionalizada, *papa* = pão, porque o pai provê o pão, mas de uma relação muito mais antiga e profunda. A frase jocosa “Nós somos o que comemos” é tomada a sério pelos povos primitivos, a pessoa se apossa das características de um animal sagrado ao comê-lo. A comunhão íntima é simbolizada pelo ato de comer. Essa crença nos parece natural se pensamos que em nossa vida realmente já nos alimentamos por um ser humano que nos deu a vida, com o qual formamos uma unidade em tempos imemoriais. Por isso a identificação é simbolizada pelo ato de comer. Spielrein encontra uma maneira inédita de ligar a identificação primária à incorporação, à comida totêmica, sem falar do mito freudiano do assassinato primevo do pai e isso no momento em que vai começar a explicar a origem infantil da palavra *papa* e vinculá-la também como origem sexual ligada ao ato de mamar.

A palavra mamãe (na pronúncia infantil *mã-mã-mã...*) reproduz o ato de mamar. A palavra papai (= *pã-pã*) se origina da fase em que a criança saciada brinca com o seio, largando-o e retomando de novo. Quando a criança está satisfeita diz *papa*, som de quando larga o seio¹⁹. Quando está insatisfeita diz *mama*, quando a fome surge imperativa então os movimentos de sucção se fazem mais enérgicos e a pequena boca assume a posição que lhe é própria no ato de mamar, que



o ato de mamar é fundamental para as mais importantes experiências de vida da criança: aqui ela conhece a felicidade da fome saciada, mas também aprende que essa felicidade tem um fim e que deve ser sempre reconquistada

envolve o bico do seio. Ela gera o som *ma*. Ambas as palavras devem sua origem ao ato de mamar. Mas ela não afirma que apenas e simplesmente o ato de mamar gera a linguagem infantil. Apenas percebe que, na maioria esmagadora dos casos, as primeiras palavras infantis são compostas de sons labiais e dentais. Com isso elas indicam sua relação profunda com o ato de mamar. O ato de mamar é fundamental para as mais importantes experiências de vida da criança: aqui ela conhece a felicidade da fome saciada, mas também aprende que essa felicidade tem um fim e que deve ser sempre reconquistada. A criança vive suas primeiras experiências de que existe um mundo exterior; para tanto, o contato com o corpo materno que apresenta resistência aos movimentos da pequena boca contribui. Por fim, ela diz que o pequeno ser aprende que existe um refúgio nesse mundo exterior que ele deseja não apenas porque ali a fome é saciada, mas também porque é um lugar quente, macio, onde ele está protegido de todos os perigos. Se nós alguma vez na vida sentimos um desejo “demora-te momento pois é tão bom”, isso certamente foi nessa época. Aqui a criança aprende a primeira vez a amar, no sentido mais amplo da palavra, ou seja, a perceber o contato com um outro ser, independentemente da alimentação, como a mais alta felicidade possível.

Aqui é mais uma vez apresentada a importância do desejo enquanto reencontro do objeto, numa realização sempre assintótica onde há sempre a falta que motiva a repetição. O desejo,

o amor, o contato com o outro se independentiza da alimentação e se coloca como a maior felicidade possível para o humano, que é percepção da dependência e do contato com outro ser, saída, portanto, do fechamento autístico para o laço amoroso e social. A palavra, portanto, nasce da falta ligada à percepção do objeto de desejo que proporciona prazer derivado do ato de mamar, no exterior, na passagem do autoerotismo a um heteroerotismo incipiente, portanto, hetero aqui no sentido de diferente, de exterior a si. A linguagem nasce não só determinada pelo mental e psicológico, mas é, sobretudo, resposta a uma ausência de objeto. Refere-se ao apelo pelo reencontro de objeto, ao desejo pelo objeto, surge do ato de mamar.

Conclusão importantíssima. Não é o acaso que determina, mas a vida afetiva e psíquica e não biológica e epistemológica. Há uma diferença que se afirma em relação ao pensamento genético-epistemológico de Piaget. Vemos que ela assume, nesse ensaio, a linguagem conceitual recém-criada no campo da linguística que distinguia a fonética da linguística propriamente dita, quando fala em fonemas e sons labiais e dentais.

Desdobramentos inéditos na teoria da formação dos símbolos

Spielrein²⁰, em seu artigo “O tempo na vida subliminar”, vai apontar também que o afastamento do outro enquanto objeto de prazer e a alternância entre presença e ausência, afastamento e aproximação, contribuem não só para o surgimento da linguagem, mas para a aquisição da noção de tempo pela criança, que, no início, se expressa espacialmente. Assim, a noção de espaço se torna primeira em relação à noção de causalidade e de tempo, que é a última a ser adquirida pela criança. Spielrein mostra também pela primeira vez o papel crucial da repetição para a criança, que só adquire e assimila o novo passando pela repetição e a adesividade ao antigo, o que aparece também nos adultos afásicos por doença que danifica o

aparelho de linguagem. O conceito de duração temporal é anterior ao de direção temporal tanto na língua como no pensamento onírico. A linguagem verbal, assim como o sonho, cria suas representações a partir de materiais pré-conscientes. A língua apresenta os mecanismos de representação do tempo por meio da ideia de espaço. Ela cita Charles Bally, o linguista, considerado o criador da estilística, outra subdivisão da linguística moderna, junto com a fonética e a fonologia, quem diz que todos os advérbios, assim como os advérbios temporais, são oriundos de representações espaciais. Assim, Spielrein afirma aqui que a representação de uma direção temporal tem como base, também na língua, a representação subliminar de um percurso no espaço.

Em seu texto “Algumas analogias entre o pensamento da criança, do afásico e o pensamento subconsciente”²¹, ela conta que há também na organização da linguagem incipiente da criança o mesmo princípio da linguagem dos sonhos, onde o mais vivo da representação onírica é o mais valioso afetivamente. A criança repete uma palavra (assim como uma frase) duas vezes como se fosse importante destacar aquilo que lhe é importante. Aqui surge a ligação com base no interesse, portanto, trata-se de uma relação de natureza psicológica e não biológica, ou seja, trata-se de uma relação afetiva.

Em suma, segundo Spielrein, nós pensamos principalmente de forma subconsciente pois apenas o início e o fim de nossos pensamentos são conscientes para nós, o resto decorre no subconsciente. Aqui vale observar que Sabina Spielrein mantém a diferença entre pré-consciente e subconsciente. Enquanto o primeiro está ligado à censura entre consciente e inconsciente que cria o recalque, portanto à dinâmica do psíquico sexual, o subconsciente é o lugar psíquico do que

em suma, segundo Spielrein,
nós pensamos principalmente
de forma subconsciente pois apenas
o início e o fim de nossos
pensamentos são conscientes
para nós, o resto decorre
no subconsciente

não está no plano visual do consciente. É onde estão as representações simbólicas dos afetos corporais e das representações da cultura e da continuidade da evolução histórica. Elaborar o impulso e frequentemente o sublima. Em vários casos, podemos nos convencer de que o pensamento subconsciente pode ser superior ao pensamento consciente, como, por exemplo, quando aproveitamos suas habilidades para solucionar problemas da realidade consciente, ou seja, quando ele colabora com o pensamento consciente. Sozinho, o pensamento subconsciente é suficiente para uma certa adaptação a este mundo, mas logo perderia o caráter de pensamento criativo, pois a disposição para criar alguma coisa, para fazer alguma coisa no mundo, o direcionamento total e a concentração sobre as funções da realidade faltam ao pensamento subconsciente, o qual não precisa ser necessariamente um pensamento dirigido, na verdade, destinado a trabalhar mais para si mesmo do que para outros. Apenas por meio da colaboração entre o pensamento consciente e o subconsciente é possível iniciar uma obra criativa neste mundo: o pensamento consciente precisa capturar e utilizar aquilo que o pensamento subconsciente nos oferece.

20 S. Spielrein, “O tempo na vida subliminar”, in R.U. Cromberg (org.), *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise, obras completas* (v. 2).

21 S. Spielrein, “Algumas analogias entre o pensamento da criança, do afásico e o pensamento subconsciente”, in R.U. Cromberg (org.), *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise, obras completas* (v. 2).



Referências bibliográficas

- Freud S. (1912). Formulações sobre os dois princípios do acontecimento psíquico, *Jahrbuch für psychoanalytisch und psychopathologische Forschungen*, v. III.
- _____. (1913/2020). *Totem e tabu: algumas correspondências entre a vida psíquica dos selvagens e a dos neuróticos*. Porto Alegre: L&PM.
- _____. (1915/2025). Carta a Sabina Spielrein de 20 de abril de 1915. In Cromberg R.U. (org.). *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise, obras completas (v. 3)*.
- Spielrein S. (1911/2021). Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia (*Dementiae praecox*). In Cromberg R.U. (org.). *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise, obras completas (v. 1)*. São Paulo: Blucher.
- _____. (1922/2022a). As origens das palavras infantis “papai” e “mamãe” – algumas observações sobre os diferentes estágios no desenvolvimento da linguagem. In Cromberg R.U. (org.). *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise, obras completas (v. 2)*. São Paulo: Blucher.
- _____. (1923/2022b). O tempo na vida subliminar. In Cromberg R.U. (org.). *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise, obras completas (v. 2)*. São Paulo: Blucher.
- _____. (1923/2022c). Algumas analogias entre o pensamento da criança, do afásico e o pensamento subconsciente. In Cromberg R.U. (org.). *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise, obras completas (v. 2)*. São Paulo: Blucher.

Totem and taboo and the origin of children's language

Abstract Based on the works of Freud, *Totem and taboo* (1913), and *Formulations of the two principles of the psychic event* (1912), Sabina Spielrein was a pioneer in reflecting about children's language and its links with thinking in her essay “The origin of children's words ‘dad’ and ‘mummy’ – some observations of different stages of language development” from 1922.

Keywords language; magic; animism; desire; Sabina Spielrein; Totem and taboo.

Texto recebido: 08/2025

Aprovado: 10/2025